

ADOÇÃO E DEVOLUÇÕES: ENTRE O MITO DO AMOR MATERNO E AS MÃES ABANDONADAS

Rita de Cassia Baccarin Lisboa¹

Resumo

O presente artigo trata-se de reflexões sobre conceitos e conteúdo das obras *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, de Elizabeth Badinter (1985) e *Mães Abandonadas: a entrega de um filho em adoção*, de Maria Antonieta Motta (2015), para estabelecer parâmetros sobre o papel da mulher entre a maternidade, o abandono e a adoção. Descrever estas duas obras primas da literatura e transmitir o seu teor é tocar uma temática complexa, antiga e atual. As duas obras se entrelaçam quando abordam o mito do amor de uma mãe para com seu filho, como se a maternidade fosse o objetivo de todas as mulheres, mas também traz a abordagem da difícil decisão da entrega de um filho em adoção, quando a mulher não se vê em condições físicas, financeiras ou psicológicas para criá-lo. A entrega é permeada de sentimentos contraditórios, sentimentos este também vivenciados pelas mulheres que optam pela não maternagem. As pressões impostas por tal decisão, por parte da sociedade e de si mesma; os dilemas discutidos... Seria então o amor maternal um mito ou uma verdade? A decisão de dar o filho em adoção, sobre ser ou não mãe, seria a negação do ideal feminino?

Palavras-chave: Maternidade. Abandono. Adoção. Construção social da mulher.

1 Introdução

O presente trabalho tem como base os livros *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, de Elizabeth Badinter (1985), e *Mães abandonadas: a entrega de um filho em adoção*, de Maria Antonieta Motta (2015). Consiste em uma análise bastante instigante sobre o tema citado. Reflexões sobre o papel da mulher perante a ideia preconcebida de que a maternidade é um sentimento presente no coração de todas as mulheres, que faz parte intrínseca de sua feminilidade, que sem um filho, se torna defeituosa e sem objetivos. Ao longo das leituras, constata-se que o interesse e a dedicação à criança se manifestam ou não. Contrariamente aos muitos preconceitos enraizados no ser humano, este talvez não esteja profundamente inscrito na natureza da mulher. Diante desses questionamentos, este artigo tem por objetivo abordar os novos paradigmas na vida da mulher contemporânea e as expressões da questão social, como a adoção, o abandono, a maternidade.

2 Desenvolvimento

¹ Discente do Centro Universitário Internacional Uninter, curso Serviço Social - Grupo de Estudo e Pesquisa em Trabalho, Formação e Sociabilidade – GETFS do Curso de Bacharelado em Serviço Social – UNINTER Participante no projeto de pesquisa “Abandono-Devolução de Crianças e Adolescentes no Processo de Aproximação na Modalidade Adoção no Paraná”, no período de 2019 e 2020. Aprovado em 2019 com vigência até 2020, tem como objetivo geral analisar o processo de adoção de crianças e adolescentes no estado do Paraná, com recorte sobre os abandonos-devoluções ocorridos no estágio de convivência pré e pós-adoção, no período de jan-2016 a jul-2018. E-mail: ritadecassia6@gmail.com.

O presente trabalho realizou-se através de pesquisas bibliográficas, para fazer uma análise crítica do assunto da maternidade; usou também o método comparativo para considerar a maternidade à luz do tempo, da história e do processo das mulheres ao longo do tempo.

A obra de Badinter, sobre o mito do amor materno, se divide em três momentos: *O amor ausente*; *Um novo valor: o amor materno*; e *O amor forçado*. Em *O amor ausente*, a narrativa trata do longo reinado da autoridade paternal e marital; cita o poder paterno, segundo o qual o pai poderia tirar a vida de seu próprio filho, se assim o desejasse — princípio vigente no século XIII. A partir de 1760, começam a surgir mudanças na condição da criança. Rousseau, na obra *Émile*, publicada em 1762, ofereceu um novo olhar para a família moderna, alicerçada no amor materno. Diante de mudanças lentas, a criança crescia isolada, longe da mãe, criada por amas ou famílias pobres, que necessitavam dinheiro. Muitas morriam por doenças ou descaso. Muitas cresciam com carências e doenças, retornando ao lar, quando sobreviviam, em torno dos sete anos de idade, para viverem como filhos. A rigidez e a frieza se davam tanto nas escolas quanto nos lares, pois as crianças não podiam ser acarinhadas ou amamentadas, para não se tornarem fracas para os embates da vida. No tópico *Um novo valor: o amor materno*, Badinter explica que, nos últimos trinta anos do século XVIII, ocorre uma revolução das mentalidades; o papel da mãe, sua importância, muda radicalmente, mas, na prática, os comportamentos tardam a se alterar. Foi-se construindo a imagem da mãe perfeita, que impôs à mulher a culpa por suas escolhas; não havia outro caminho para a mulher que não o da maternidade, da amamentação, do matrimônio, da subserviência. A sobrevivência das crianças tornou-se alvo do Estado, para estancar a hemorragia humana que caracteriza o Antigo Regime. A criança se transforma em valor mercantil, moeda de troca, uma riqueza econômica, pois produz trabalho e riqueza para o Estado. Todo este peso nos ombros das mulheres foi repetido até o século XX, reiterado sob a forma de elogio e lisonja, camuflado, para manipular as vontades e desejos das mulheres de procurarem outro caminho, que não o da maternidade. Na terceira parte — *O amor forçado* — a mãe se desdobra em cuidados para com seu filho, desde a gestação e durante todo o período de cultivo do intelecto, em que o filho era guiado e inspecionado por ela, espiã árdua de professores, que não delegava e educava a sua prole. As mulheres que decidissem dedicar-se ao intelecto eram acusadas de egoístas; aquelas que não viam no filho o seu objetivo de vida, poderiam amá-los, sim, mas não plenamente. Se o filho se tornasse um assassino, a culpa seria da mãe, que não lhe ofereceu amor total e absoluto. A ilegitimidade de um filho tinha um preço alto, era prova da fraqueza e frivolidade femininas.

O livro *Mães Abandonadas: a entrega de um filho em adoção*, está dividido em três partes: *O abandono, os mitos e o luto na adoção*; *Metodologia da pesquisa*; e *Estudo de caso*. A primeira parte, uma equação a ser questionada, denota a percepção do abandono como um problema que atinge nossa sociedade. Compreender tal situação traz à tona novas formas de ação em relação a esta questão. Juridicamente, as definições de abandono de crianças estão ligadas ao exercício do pátrio poder e da guarda da criança, e têm sido consideradas suficientes para apoiar a prática da adoção e colocação de crianças em instituições ou lares substitutos. Há três hipóteses judiciais para que o pátrio poder seja efetivado: quando há castigos imoderados para com o filho, em caso de abandono e a prática de atos contrários à moral e aos bons costumes.

Historicamente, a mulher tem seu papel definido: tornar-se mãe. Mas uma pergunta colocada neste capítulo instiga o pensamento: Quem são os verdadeiros filhos do abandono? A existência de crianças que, mesmo vivendo com pais biológicos, estão abandonadas a seu próprio destino, exploradas sexualmente, desatendidas de amor, atenção e muitas vezes de alimentos. Bohman e Sigvardsson (1980), em seu estudo longitudinal envolvendo 624 crianças, descobriram que, nos casos em que as mães mudaram de opinião sobre a adoção e mantiveram consigo os filhos, estes tiveram pior desenvolvimento físico, psíquico, criatividade e ajustamento, do que os que foram adotados.

Na decisão da entrega do bebê, o contexto em que foi gerado tem um peso grande na decisão; os motivos são os mais variados, desde estupro coletivo, mulheres de programas ou pobreza extrema. Na política da adoção fechada, todo o processo ocorre em segredo de justiça, tornando-se quase impossível o acesso aos dados da adoção por parte da mãe ou da criança, o que gera muitas vezes traumas e ressentimentos. Nos EUA, no estado de Michigan, existe a possibilidade de se tornarem disponíveis ou não informações identificadoras sobre elas, para as crianças entregues em adoção, quando alcançarem a maioridade. Há também trocas de informações identificadoras, que vão além das informações genéticas e de saúde. Os pais biológicos cedem aos pais adotivos os direitos legais e de cuidados básicos da criança, preservando o contato e acesso ao conhecimento sobre a situação da criança.

Na segunda parte do livro foi descrita a metodologia utilizada para compor o trabalho. O método utilizado foi qualitativo, com a utilização de técnica de coleta e análise qualitativa dos dados. A pesquisa foi efetuada em uma instituição de abrigo, na cidade de São Paulo. Foram realizadas entrevistas individuais sem duração prévia estabelecida, em torno de 1h30 a 1h45.

Na terceira parte do livro, entre as entrevistadas, foi escolhida uma mãe, denominada como M1, com o objetivo de identificar os fatores que incidem na entrega de um filho em adoção. Alguns dos que são mencionados pelas mulheres ao entregar um bebê são a falta de um companheiro, um companheiro que não toma conhecimento da gravidez, a pobreza extrema, a solidão. Problemas psicológicos advindos da situação familiar também desencadeiam a entrega da criança.

As adoções dos bebês correm em segredo de justiça, não havendo possibilidade de os pais tomarem conhecimento do destino dos filhos. Existe uma possibilidade, distante ainda, de adoção aberta, para que a mãe biológica tenha contato com os adotantes, facilitando, assim, o processo da entrega do filho e o da cura interior dessa mãe, que renunciou a seu filho. Na instituição onde a pesquisa foi realizada efetuou-se um trabalho antecipatório do luto; um trabalho cuidadoso, detalhado e prolongado, para permitir a antecipação da perda e a vivência da dor, o que interferirá na tomada de decisão e na elaboração de um possível luto posterior. Muitas não se reerguem de tal decisão, carregam o fardo para a vida toda, procuram nas ruas, nas escolas, o rosto de seu filho. Uma procura amarga e solitária.

3 Considerações finais

As obras consideradas trazem situações vivenciadas por mulheres, protagonistas de suas vidas, que encerram em si lutas nunca exteriorizadas, divulgadas, expostas, o que denota a importância da atenção psicológica e social que essas mulheres necessitam. As obras merecem leitura. Cada frase traz novas percepções, rompe barreiras e preconceitos, mostrando o outro lado destas questões tão polêmicas e atuais. Questões estas que não terminam com este artigo, pois se trata de um assunto merecedor de futuras discussões e abordagens.

Referências

BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 370 p.

BOHMAN, M.; SIGVARDSONN, S. A. prospective longitudinal study of children registered for adaption: a 15-year follow-up. *Acta Psychiatrica Scandinavia*, [s. l.], v. 61, p. 339-355, 1980.

MOTTA, Maria Antonieta Pisano. **Mães abandonadas**: a entrega de um filho em adoção. 4. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2015. 331 p.